

PARA QUE SERVE A HISTÓRIA ECONÔMICA NAS PESQUISAS SOBRE HISTÓRIA DOS ESPORTES?

Glauco Jose Costa Souza¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre algumas aplicações possíveis da História Econômica nos trabalhos a respeito da História dos Esportes. Baseado nas leituras feitas sobre pesquisadores do tema, bem como de algumas fontes já utilizadas a respeito dos impactos da economia no mundo esportivo, buscamos apresentar reflexões sobre a utilidade que a História Econômica pode ter para os estudos envolvendo a História dos Esportes. Longe de esgotar o debate, buscamos contribuir para as possibilidades de ampliação das reflexões esportivas.

Palavras-chaves: História; Esportes; Economia

What is Economic History for in the History os Sports research?

Abstract: The presente work aims to reflect on some possible applications of Economic History in the works concerning the History of Sports. Based on the readings made on researchers on the subject, as well as on some sources already used regarding the impacts of the economy on the sports world, we seek to presente reflections on the usefulness the Economic History can have for studies involving the History of Sports. Far from exhausting the debate, we seek to contribute to the possibilities of expanding sports reflections.

Keywords: History; Sports; Economy

¹ Doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: glauco.josecosta@hotmail.com

Introdução

As mudanças socioeconômicas ocorridas nos últimos anos na sociedade brasileira tornaram ainda mais evidente a necessidade de aprofundar temas outrora esquecidos pelos historiadores. O futebol é um destes assuntos que somente nos últimos passou a ter relevância para a academia de forma sistematizada – antes, os trabalhos que surgiam se davam de forma isolada e, em alguns períodos, com grandes intervalos de tempo entre as publicações. Os estudos sobre os esportes, de maneira geral, vêm recebendo a atenção de pesquisadores em diversas áreas recentemente, mas ainda tais procedimentos estão aquém do espaço que estes objetos ocupam no dia a dia da nossa sociedade.

A realidade do momento é que a História do Esporte vem ganhando cada vez mais espaços no ambiente acadêmico, pois muitas atividades esportivas vêm sendo objetos centrais nas pesquisas e trabalhos produzidos nas universidades, gerando, por conseguinte, um cenário diverso do que se via outrora em que tal temática não se fazia presente nos periódicos, livros e congressos como nos dias de hoje.

O futebol é um grande exemplo deste processo. Enquanto esporte que se desenvolveu no Rio de Janeiro no início do século XX, foi aquele que melhor se adequou as possibilidades e desejos das camadas pobres, sem que isso impedisse aos segmentos elitistas praticá-lo de forma a gerar elementos de identidade. Para os diversos grupos socioeconômicos da então Capital Federal, era possível jogar futebol de formas que melhor lhes conviessem. Por essa razão, esse jogo também possibilitou a muitos de seus praticantes superar algumas barreiras que lhes eram impostas em outros ramos da vida cotidiana. Assim, é de grande importância que a história volte seu olhar para esse momento, no intuito de entender alguns elementos que expliquem a sua popularização e quais os impactos disso no dia a dia desses indivíduos.

A realidade atual de maior atenção aos estudos esportivos não se fez da noite para o dia. Ela é fruto de uma construção histórica, cujos primeiros passos começaram ainda na transição dos séculos XIX para o século XX. Neste momento, surgiram obras que objetivavam a preservação da memória de práticas que ainda estavam em seus primeiros passos. Produzidas, em sua maioria, “por antigos praticantes e/ou apaixonados pelo esporte que acompanharam de perto o desenvolvimento das modalidades” (MELO, DRUMMOND, FORTES e

SANTOS, 2013, p. 32), tais trabalhos careciam de aprofundamentos que permitissem uma discussão aprofundada e crítica destes momentos.

Conforme o século XX foi se desenvolvendo, a perspectiva das produções sobre história esportivas se manteve em torno do caráter militante, voltada para a experiência de grandes expoentes (inclusive politicamente). A narrativa de datas e fatos, era, pois, um dos resultados deste período, que acabou por gerar uma “história servindo para provar e legitimar posições previamente estabelecidas” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 33).

A partir dos anos 1940 até 1980, houve uma ampliação dos estudos sobre esta temática. Se até ali as fontes utilizadas eram escassas e pouco críticas, a partir de então se alargam e foi possível identificar trabalhos “que apontam para uma perspectiva mais crítica e interpretativa da história” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 34). Uma das obras simbólicas deste período e que até hoje é considerada uma das referências para os estudos sobre história do esporte é o livro *O Negro no Futebol Brasileiro*, escrito por Mário Filho (FILHO, 2003).

Ainda que possamos vislumbrar avanços nos estudos sobre a História dos Esportes no Brasil, até 1980 alguns problemas persistiram. A periodização utilizada pelos pesquisadores não era autônoma, isto é, estava submetida a episódios grandiosos exteriores ao objeto analisado.

Não obstante, é importante destacar que havia movimentos nos estudos sobre os esportes que iam na contramão deste cenário. Era possível observar desde a década de 1970 “a realização com maior frequência de investigações sociológicas e antropológicas ligadas ao esporte, entre as quais se destacam as contribuições pioneiras de José Sérgio Leite Lopes, Simoni Lahud Guedes, Roberto DaMatta e Maurício Murad” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 35).

Tal movimento se torna mais evidente a partir dos anos 1990 quando foi possível perceber uma proliferação de estudos de estudos do esporte na interface com o arcabouço das ciências humanas e sociais. A partir daí, foi notável o aperfeiçoamento das iniciativas de pesquisa, permitindo discussões com maior profundidade, a presença e o papel da prática nos diversos quadros socioculturais. Teve começo, assim, a quinta fase dos estudos relacionados à história do esporte.

Iniciada em 1990, ela dura até os dias atuais, mas traz alguns desafios como, por exemplo, maiores reflexões do ponto de vista da História Econômica nas pesquisas sobre a História dos Esportes. Este elemento, importante destacar, não é excludente de outros campos da história, mas deve a eles se integrar e possibilitar um avanço nos estudos acerca do nosso passado esportivo.

A História Econômica na História dos esportes

As pesquisas sobre história esportiva carecem de um número maior de abordagens econômicas, sobretudo do ponto de vista histórico. Segundo Melo, Drummond, Fortes e Santos:

Um olhar panorâmico sobre os principais trabalhos de história do esporte permite-nos perceber uma ausência: a análise dos aspectos da economia, pelo menos com o uso de alguma metodologia para tal. Da mesma forma, os historiadores econômicos dedicam pouca atenção às dimensões da produção do consumo de um sem número de atividades ligadas ao lazer na sociedade capitalista moderna, entre as quais a prática esportiva (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 78).

A década de 1960 marcou uma primeira tentativa de reverter este quadro, com um movimento que teve início nos Estados Unidos e passou pela Grã-Bretanha buscando promover uma renovação na história econômica. Conhecido por Cliometria ou História Quantitativa, esta nova abordagem se caracteriza por “analisar situações do passado através de uma série de dados quantificáveis e técnicas estatísticas” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, p. 79-80)², ou seja, explicar a situação econômica de uma sociedade por meio dos seus números.

Para a História dos Esportes, a quantificação é um caminho importante para compreender as dinâmicas esportivas dentro de uma sociedade. Aspectos sobre os custos dos materiais necessários para praticar esportes e o investimento necessário para adquirir ingressos, por exemplo, quando comparados aos custos de vida da época e ao rendimento médio dos *sportsmen*, são factíveis de serem analisados pelos dados quantitativos.

A economia é parte importante para analisar o esporte como uma forma de entretenimento que cresceu a partir dos séculos XVIII e XIX relacionados aos avanços sociais e culturais de um determinado período.

² MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 79-80.

Assim, quando olhamos para as relações entre a História Econômica e o esporte, é impossível realizar uma desassociação das ideias de mercado com a construção espetacularizada que se consolidou historicamente nas competições de modalidades esportivas, notadamente nas disputas do esporte em alto rendimento. Como entender que público pode ir a um jogo de futebol, desconsiderando o valor dos ingressos? Como saber quem pode ou não ser sócio desse mesmo clube sem analisar o valor dos ingressos? Como saber quem pode ou não ser sócio desse mesmo clube, sem analisar os valores das mensalidades que, por si só, já delimitam um corte de classe específico? (GOMES, 2020, p. 45)

A prática esportiva surgiu com a sociedade moderna e industrial. Norbert Elias e Eric Dunning especificam inclusive o local de nascimento dos “muitos tipos de desportos que hoje são praticados” (ELIAS e DUNNING, 2019, p. 187) como tendo origem na Inglaterra. Partindo desta perspectiva, podemos entender o seu surgimento como uma parte do desenvolvimento do capitalismo e, por isso, podemos conectá-lo ao “que se chama indústria do entretenimento e do lazer, que por sua vez movimenta uma parte considerável dos recursos econômicos” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 79).

Como considera Gilmar Mascarenhas de Jesus, é preciso entender o crescimento da prática esportiva dentro de um aumento de sua “espetacularização” como forma de entretenimento a partir do século XIX, no Brasil, mas já existente em França e Inglaterra desde o século XVIII. O Rio de Janeiro, como capital do Império e depois da República, foi um espaço central para compreender a nascente indústria de diversão que aqui se estabeleceu e que nos possibilita até mesmo a refletir sobre as diferentes formas de apropriação das diversas camadas sociais existentes.

A este respeito, por exemplo, este importante geógrafo nos ajuda a tornar possível reflexões sobre os diferentes processos de consumo das modalidades esportivas. Para Jesus:

Foi sem dúvida muito grande a receptividade da população carioca aos esportes na virada do século. Tal atitude se vinculava diretamente não apenas aos fatos de estes representarem uma via para a vida saudável, mas sobretudo ao fato de constituírem um elemento civilizador ao ideário burguês importado da Europa, numa conjuntura em que para ser moderno era desejar ser estrangeiro. Quanto às camadas populares, parecem ter-se mantido inicialmente reticentes ao surto esportivo, até porque a adesão a esse modismo implicava custos materiais elevados (todo o equipamento era importado) e mesmo a assimilação de estranhos códigos de conduta (JESUS, 1999, p. 29).

A questão dos valores despendidos para a prática e o consumo esportivo é central para entender o seu desenvolvimento. Melo, Fortes, Drummond e Malaia também dão ênfase a esta perspectiva ao destacar a importância de analisar e problematizar as questões econômicas. Colocando este aspecto diante da base introduzida por Roger Chartier, por exemplo, podemos refletir a respeito de o papel exercido pelo torcedor como responsável por participar da produção e do consumo esportivo:

quanto custava ser um torcedor [em 1922], notadamente torcedor da seleção brasileira nessas competições [Jogos do Centenário em 1922]. A venda de ingressos nessas competições, um serviço prestado pelo qual um consumidor se dispõe a pagar um preço pré-determinado, foi feita pela CBD. Os ingressos são um tipo de mercadoria elástica ao preço, ou seja, tem elasticidade de se ajustar às flutuações da procura. Por isso, seus preços foram exageradamente inflacionados em relação aos ingressos cobrados nas competições locais, devido ao grande sucesso dos eventos e à grande procura por bilhetes. (SANTOS, 2012, p. 165)

A questão, por exemplo, envolvendo os preços dos ingressos não pode ser vista desconectada de outras necessidades sociais ou dos hábitos culturais que permeiam a ida a um jogo de futebol e que também se manifestam em questões econômicas: os gastos com transportes, alimentação e outros detalhes da programação estão inseridos nisso.

No Rio de Janeiro, a Reforma Urbana é outro capítulo importante para acompanhar tudo isso, principalmente a respeito do futebol, cuja popularização, segundo Leonardo Affonso de Miranda Pereira, se consolidou com a sua proliferação para os clubes suburbanos (PEREIRA, 1997). E por que há esta atenção especial aos subúrbios do Rio de Janeiro?

O próprio processo de urbanização e reforma da cidade do início do século XX foi decisivo para a difusão do futebol pelos subúrbios cariocas. A expansão urbana levava a população de baixa renda para os subúrbios, com espaço suficiente para a improvisação dos campos de futebol (SANTOS, 2008, p. 5).

Sendo assim, a própria configuração geográfica que se iniciou no Rio de Janeiro na primeira década de 1900 nos dá essa percepção, uma vez que a especulação imobiliária da zona central e o encarecimento da zona sul lançou um grande contingente de indivíduos para os arredores da Capital Federal, área em que foram surgindo os chamados campos de várzea e na qual foi possível

desfrutar dessa prática. Por esse prisma, torna-se factível entender um dos elementos que tornaram o futebol mais afeito à realidade dos diversos grupos sociais do Rio de Janeiro: o fator econômico.

Do ponto de vista econômico, o jogar futebol era perfeitamente viável ao trabalhador. Enquanto o preço para a aquisição de um cavalo para a prática do turfe, ou mesmo de um barco para a regatas, era algo fora do seu orçamento, um estafeta ou um empregado do Jardim Botânico tinha condição e adquirir uma bola de futebol. Estima-se que este instrumento estivesse custando em torno de 5 ou 6 mil réis, enquanto os salários dos trabalhadores apresentados estavam na casa dos 60 e 75 mil réis, respectivamente. Em síntese, podemos afirmar que a aquisição de uma bola, utensílio de média ou longa duração de uso, ocupava uma única vez entre 6% a 8% do orçamento de um trabalhador. O valor pode parecer elevado, contudo, é muito menor do que o cobrado para a aquisição de um cavalo, mensurado em aproximadamente 85 mil réis, ou 113% a 140% do salário de um trabalhador (SOUZA, 2015, p. 54).

Este esporte, economicamente mais acessível do que seus concorrentes de época (remo, turfe, ciclismo, alpinismo), se inseria também na necessidade de muitos indivíduos encontrarem remédios para as doenças que os assolavam. Na primeira metade do século XX, foi muito comum a ocorrência de epidemias em diversas regiões do Rio de Janeiro. Ao mesmo tempo em que o Governo Central buscava encontrar medidas que erradicassem essa situação, como foi o caso da vacinação obrigatória (uma das causas para a eclosão da Revolta da Vacina), os homens e mulheres que sofriam diariamente com isso buscaram maneiras de derrotar esses agentes patógenos, sendo os esportes importantes mecanismos nesta luta. Se a alta sociedade incentivava seus integrantes a praticarem remo ou a montar a cavalo desde o século XIX, as camadas populares também tinham nessas novidades vindas da Europa maneiras de se tornarem mais saudáveis (SOUZA, 2015, p. 56).

De formas variadas, as camadas sociais que compunham o Rio de Janeiro sofreram com a febre esportiva que incidiu sobre a região na virada do século XIX para o XX e que, até os dias atuais, não se dissipou. O futebol, inserido nesse contexto, caiu nas graças dos homens comuns, que, as suas maneiras, conseguiram praticá-lo. Ante as inegáveis tensões sociais que cercavam esta e outras relações, é possível identificar uma disputa pelo controle da prática futebolística.

Neste sentido, Malaia mais uma vez traz elementos para a nossa reflexão que permitem nos debruçarmos a respeito da dimensão cultural de uma determinada sociedade pela forma e o pelo impacto econômico do lazer.

Uma comparação da variação dos preços dos ingressos no futebol com os de outras atividades de lazer do período pode elucidar a maneira como tais eventos passavam a ser encarados tanto do ponto de vista dos organizadores, quanto dos consumidores de espetáculo. O preço dos ingressos, dos mais baratos aos mais caros, pode nos revelar uma certa classificação das opções de lazer, pelo menos das mais divulgadas na imprensa. Além das diferenças de preços entre as atividades, cada uma delas tinha também variação quanto aos valores cobrados. Quanto melhor a localização e acomodação para se assistir ao espetáculo, mais caros os ingressos. (SANTOS, 2012, p. 28)

Tais perspectivas vão ao encontro do que também pensa Edward Palmer Thompson, outra referência historiográfica importante para nosso trabalho e que se destaca por analisar um objeto do ponto de vista social, cultural e econômico. Para ele, “não existe desenvolvimento econômico que não seja ao mesmo tempo desenvolvimento ou mudança de cultura” (THOMPSON, 1998, p. 194).

A História Econômica interligada a outros campos através dos Esportes

Os estudos econômicos, por sua vez, não devem apenas se debruçar sobre as grandes questões que permeiam uma sociedade, mas também adentrar nos detalhes cotidianos que impactam ou podem impactar a vida dos sujeitos históricos. Geovanni Levi (LEVI, 1989), por exemplo, já conseguiu com este procedimento determinar que os preços nem sempre são determinados pelas relações de oferta e demanda, podendo também sê-lo por aspectos que fogem deste mantra da economia livre. Como ressalta João Fragoso, em *Para que serve a história econômica? Notas sobre a exclusão social no Brasil*, “uma das novidades dessa abordagem foi a preocupação em analisar não somente o mercado como *locus* da produção ou das trocas, mas também o seu significado para a qualidade de vida dos diferentes grupos sociais” (LEVI, 1989).

No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, a rápida popularização do esporte teve relação com sua dinâmica social e cultural, na qual “o consumo passou a ser uma esfera de construção das distinções sociais, sendo a principal fonte de diferenciação aos padrões importados” (OLIVEIRA, 2014, p. 179). Na Capital Federal da Primeira República, é possível identificar a existência de uma

verdadeira cultura de massas devido às possibilidades de acesso de divertimentos para boa parte da população urbana, principalmente, na visão de Tiago de Melo Gomes, por conta da ampla gama de experiências vivenciadas em comum e que iam além das práticas esportivas, abarcando também novidades “no campo do vestuário, o cinema e as jazz-bands” (GOMES, 2004, p. 34). Ao mesmo tempo, esta perspectiva permite enxergar alguns aspectos sociais de exclusão.

A apropriação que a elite carioca fez deste esporte, isto é, o modo de fazer uso de tal prática, acontecia cercado de ritos que lhe dava características próprias e diferenciadas de outros sujeitos. Era preciso fazê-lo respeitando alguns códigos compatíveis com a sua posição dentro da hierarquia social da época. Como exemplo podemos dar os duelos futebolísticos do Internacional contra o Rio Football e o Fluminense, em 1902, quando, além das partidas, os *sportsmen*, o convite dos times cariocas, participaram de “um banquete que effectuou-se no Hotel dos Estrangeiros” (Jornal do Brasil, 03/10/1902, p. 2). O mesmo não era registrado, por exemplo, quando equipes da zona sul do Rio de Janeiro atuam nas regiões suburbanas.

Além disso, o conhecimento das regras do jogo era essencial entre os *sportsmen*, bem como a utilização de instrumentos típicos deste esporte que não eram acessíveis a todos, dada à necessidade de possuir condições financeiras para desfrutá-los. Assim, entre estes, a aquisição de “artigos ingleses, calçados, bolas, caneleiras, bombas” (Correio da Manhã, 20/03/1903, p. 1) e de um livro contendo as regras do futebol, como os que eram comercializados pela Casa Clark, se tornou um fator de diferenciação:

A técnica reproduzida dos ingleses tornava-se ao mesmo tempo um grande critério de exclusão – ajudando a fazer do futebol um jogo restrito àqueles poucos conhecedores dos seus ditames – e um meio de definição de uma imagem moderna e sofisticada para os sócios dos clubes futebolísticos cariocas. (PEREIRA, 2000, p. 39)

A vinculação de produtos como condição necessária para participar de uma atividade esportiva também pode ser vista como uma característica socialmente excludente. A representação dos *sportsmen* bem trajados com indumentárias específicas para os esportes também estava presente na infância, pois acontecia desde a tenra idade. A revista *A Estação*, em 1900, descrevia como um jovem deveria se vestir para o momento de se exercitar.

Costume para Sport (calção, camisa de sport, jaqueta aberta) para meninos de 13 a 15 annos – Calção de cazemira azul ou branca, jaqueta de flanela lawn tênis lisrada azul e branco como forro de extrafort, adiante, fazendo dupla forrada de entretela sobre 13 cent. Collarinho recortado. Algibeiras pospontadas. Camiza de flanela branca com collarinho deitado e gravata marujo azul; cinto de sport axul; gorro de jockey de duas cores, meias azues e sapatos brancos. (*A Estação*, 15/06/1900, p. 8)

Ainda assim, se para o grupo com capacidade financeira de adquirir estes instrumentos e utilizá-los fazia parte de um ritual social, no qual se diferenciavam dos que não podiam, os excluídos, por sua vez, davam um novo significado a isso por meio de sua postura e conduta em eventos esportivos. Não necessariamente, valeram-se do oposto que era visto em grupos mais endinheirados, porém, criaram alternativas para reproduzirem também a prática esportiva, principalmente no que se refere ao futebol:

A vantagem do futebol para os outros esportes da época estava além do simples prazer proporcionado pelo jogo. Como um dos muitos divertimentos de lazer, os trabalhadores tenderiam a abraçar aquelas em que melhor pudessem equilibrar o gozo e bolso, isto é, buscariam um passatempo divertido e acessível financeiramente. O turfe exigia o cavalo; o remo era também privativo da alta mocidade carioca, a única “que poderia organizar clubs voltados à prática desses exercícios, adquirir embarcações e praticar a canoagem” (Jornal do Brasil, em 30/11/1891). Mas o futebol, quando exigia a bola, esta custava em torno de “cinco, seis mil réis cada uma” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905) e, mesmo quando não fosse possível ter uma, dava-se para jogar “a tal porqueira com tudo quanto apanham que é redondo” (Jornal do Brasil, em 09/08/1905), inclusive as frutas como laranjas ficavam sujeitas aos chutes de pés nervosos em praticar o esporte inglês. O futebol é acessível a esses trabalhadores que, como os ingleses faziam na sua terra natal, tomam gosto pelo jogo (SOUZA, 2015, p. 41).

Ainda que passível de ser improvisado ou praticado por caminhos alternativos no cotidiano, as práticas esportivas fizeram parte de uma indústria do lazer em ascensão, a qual era estruturada por segmentos que enxergavam o esporte como uma oportunidade comercial. Neste sentido, é factível compreender este processo sobre o prisma da História dos Negócios e da História do Trabalho:

Parece-nos de extrema relevância pelo menos mais dos aspectos da questão do trabalho nos esportes. O primeiro é investigar a constituição de um mercado laboral de atletas profissionais ao longo da história e as consequências, para os trabalhadores do esporte, de um número pequeno de clubes e ligas controlar o acesso aos postos altamente remunerados. Tais estudos

poderiam se calcar na discussão da formação do “exército de reserva”, conceito tão importante para entendimento da exploração econômica do trabalhador no capitalismo.

O segundo seria tratar a proibição, por parte dos dirigentes esportivos, da profissionalização dos atletas, no início do século XX, como uma das mais poderosas ferramentas de exploração dos jogadores e de produção de mais-valia para os clubes. Em nome da defesa do amadorismo como um dos ideais de pureza do esporte, que o movimento olímpico soube tão bem difundir, tal processo mascarou durante décadas uma exploração quase predatória, já que as principais ligas cobravam ingressos para os espetáculos que organizavam, mas nada pagavam aos atletas. (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 91-92)

A respeito das relações entre o esporte e o mundo dos negócios, está aberto um novo campo de reflexões, como salientam os pesquisadores João Manuel Casquinha Malaia Santos e Víctor Andrade de Melo (MELO e SANTOS, 2020). Isto, no entanto, se por um lado ocorre devido ao fato de os espetáculos atingirem o maior número possível de consumidores, por outro não elimina as tensões sociais existentes em torno das práticas culturais.

Para Victor Melo, Rafael Fortes, Maurício Drummond e João Malaia, a relação do esporte com o empreendedorismo é tradicionalmente apontada pela sua ligação com os elementos culturais e políticos, mas pouco dialoga com a História Econômica (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013). Não obstante, este não é apenas o único obstáculo. Há a necessidade também de estabelecer uma aproximação com um pensamento econômico nacional, o qual, na visão de José Luís Cardoso, pode permitir adaptar o “conhecimento econômico difundido a partir dos fluxos internacionais e responderam a seus problemas específicos” (CONSETINO e GAMBI, 2020, p. 530). Assim, com a comparação de outras realidades e a incorporação de debates teóricos dos grandes centros de difusão do conhecimento econômico, as pesquisas esportivas podem ascender em termos de perspectiva.

Segundo Porter e Vamplev, é justamente isso que se observa nos estudos de língua inglesa. O avanço do Neoliberalismo, na visão de Melo e Santos, jogou luz sobre a participação das empresas nas diversas atividades (inclusive culturais) e chamou a atenção dos historiadores.

No caso da língua portuguesa, há uma peculiaridade ligada à tradução do termo. Usam-se duas designações para enfoques analíticos diferentes: história das empresas e história empresarial. A primeira foca na evolução dos empreendimentos em suas relações com as mudanças contextuais. A segunda

privilegia os olhares sobre as ações de empreendedores no processo de desenvolvimento dos negócios (Barbero, 2003). Gonçalves e Saes (2017), todavia, sugerem que há um tipo de abordagem que, em diferentes graus, cruza a história das empresas com a história empresarial. Os autores, inclusive, preferem o uso do termo “história dos negócios”, para nós mais apropriado para definir o que buscamos investigar (MELO e SANTOS, 2000, p. 498).

A concepção de empresas, por exemplo, pode ser aplicada aos clubes esportivos, vistos como entidades administradas por elementos das camadas mais altas e que utilizam estratégias para conseguir o monopólio dos mercados. Walter Neale, ainda em 1964, já tratava da relação monopolística das entidades do esporte, uma vez que “um clube não consegue fornecer sozinho a produção de jogos esportivos, várias agremiações se unem para formar um órgão que monopolize o mercado: a liga” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 80). Em torno deste tipo de entidade, nos vemos também perante uma estratégia de convivência e exclusão, como podemos analisar por meio da História Empresarial.

Os clubes esportivos por meio dos esportes de alto rendimento atraem enormes públicos aos estádios há mais de um século no Brasil, o que se tornou uma fonte de lucros ou de “outros tipos de ganhos, como prestígio, status e presença nos meios políticos” (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 86).

Podemos pensar no preço da produção esportiva levando em conta a soma do capital constante (estádio e material esportivo), do capital variável (mão de obra) e da mais valia. Marx observava que o distanciamento do capitalismo de livre concorrência se observa quando há um crescimento do capital constante (nesse caso, o estádio) em relação ao variável. Se as agremiações conseguiram monopolizar o fornecimento da produção e o fornecimento para o mercado de espetáculos esportivos de alto rendimento, torna-se relevante uma análise mais detida sobre como e porque conseguiram o capital necessário para investimento em suas suntuosas praças esportivas.

Para identificar esses aspectos, outros elementos, alguns deles não econômicos, deverão ser observados. Será necessário descortinar as redes de relações públicas estabelecidas ente os dirigentes dos grandes clubes e as associações gestoras do esporte, os administradores do Estado, o sistema financeiro e os meios de comunicação. Parece interessante revelar como determinados grupos obtiveram privilégios e porque os conseguiram. (MELO, DRUMMOND, FORTES e SANTOS, 2013, p. 86-87)

A História dos Negócios, ou *Business History*, permite estabelecer maiores relações com a cultura material e a história de vida das instituições empreendedoras. É nesta perspectiva que há uma aproximação de homens de negócio e às atividades lúdicas da indústria de consumo que se desenvolvem no Brasil desde o século XIX, principalmente nas cidades.

Por fim, é importante destacar que o termo indústria do consumo está intrinsicamente ligado à indústria cultural e, para Theodor Adorno, pode ser completamente diferenciado de cultura de massa. Esta, por sua vez, pode dar a ideia de que uma manifestação cultural surge espontaneamente das próprias massas, enquanto aquela “é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior” (ADORNO, 1986). Economicamente, é dentro desta perspectiva que os estudos sobre a História do Esporte podem ser inseridos, entendendo sua prática como parte de um processo maior de mudanças sociais que podem ser refletidas pelas transformações nos hábitos de consumo.

Considerações Parciais

A perspectiva econômica pode revelar para a História dos Esportes aspectos interessantes acerca das suas dinâmicas dentro do ambiente esportivo e, principalmente, conectado à realidade social que o cerca. Como podemos entender o processo de profissionalização dos jogadores se não levarmos em consideração o retorno financeiro que eles geravam para os clubes? Mas este olhar elimina que se considere o peso simbólico que o esporte tinha para os grupos mais abastados economicamente? A resposta para ambas as questões é não!

Quando falamos sobre a importância de refletir a partir do prisma econômico é com o objetivo de que ele traga ao esporte um novo olhar a respeito de suas relações. Obviamente, como pudemos apreender a partir de Levi, nem todos os aspectos da economia seguem um encadeamento racional, mas o simbolismo também não pode ser responsável por explicar toda a complexidade que envolve o estudo de qualquer aspecto cultural de uma sociedade.

Assim, concluímos até aqui que a História Econômica pode servir à História dos Esportes ao fornecer mais um caminho para refletir sobre o desenvolvimento esportivo ao longo do tempo. Longe de ser a ferramenta decisiva

para estas análises, o olhar por meio da economia permite observar elementos outrora ignorados pelos estudiosos da área.

Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. in: Gabriel Cohn (org.); Florestan Fernandes (coord.), **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1986;
- CANTARINO, Nelson Mendes. Resenha Bibliográfica de CONSETINO, Daniel do Val; GAMBI, Thiago Fonelas Rosado. **História do Pensamento Econômico: pensamento econômico brasileiro**. Niterói: Eduff; São Paulo: Hucitec, 2019. 324p (Coleção Novos Estudos de História Econômica do Brasil, v. 1 Organização geral: Luiz Fernando Saraiva). História econômica e História das Empresas, vol. 23, nº 2 (2020);
- ELIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação: Desporto e Lazer no processo civilizacional**. Coimbra: Edição 70, 2019;
- FILHO, Mario. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003;
- FRAGOSO, João. Para que serve a história econômica? Notas sobre a exclusão social no Brasil. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, 2002, nº 29;
- GOMES, Eduardo de Souza. **Esporte, Nação e Relações Internacionais na América Latina: uma análise comparada dos Jogos do Centenário de 1922** (Rio de Janeiro) e dos Jogos Bolivarianos de 1938 (Bogotá). Tese (Doutorado). Rio de Janeiro, UFRJ, 2020
- GOMES, Tiago de Melo. **Um espelho no palco**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2004;
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. **Estudos Históricos**, 1999;
- LEVI, Giovanni. **Le pouviraui village**. Paris: Gallimard, 1989;
- MELO, Victor Andrade de, DRUMMOND, Maurício, FORTES, Rafael e SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Pesquisa histórica e história do esporte**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2013;
- MELO, Victor Andrade de, SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. “Casa Sportman – sempre imitada, nunca igualada”: estratégias de um empreendimento e dinâmicas de consumo (Rio de Janeiro, 1909-1922). **História Econômica e História das Empresas**. Vol. 23, nº 2 (2020);

- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902/1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000;
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Pelos campos da nação: um goal-keeper nos primeiros anos do futebol brasileiro. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.10, n.19;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. A história econômica entra em campo: Rio de Janeiro e as competições esportivas internacionais de 1919 e 1922. **Revista Econômica Política e História Econômica**, ano 9, n.27, 2012;
- SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. O futebol na cidade do Rio de Janeiro: microcosmo dos mecanismos de poder e exclusão no processo de urbanização das cidades brasileiras (1901-1933). **Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão**. ANPUH/SP – USP. São Paulo, 08 a 12 de setembro de 2008
- SOUZA, Glauco José Costa. **Entre o cavalo e o barco, só podemos a bola** – O processo de desenvolvimento do futebol no Rio de Janeiro entre as camadas populares no início do século XX. Monografia. Nova Iguaçu: UFRRJ, 2015; e
- THOMPSON, Edward. **Costumes em comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Fontes

A Estação

Correio da Manhã